



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.40.109.A015>

Adolescência e juventude na pesquisa brasileira em psicologia

Adolescence and youth in brazilian psychology research

Suzy Kamylla de Oliveira Menezes
Universidade Federal de Alagoas
<https://orcid.org/0000-0001-6804-1464>
suzy.kamylla@gmail.com

Paula Orchiucci Miura
Universidade Federal de Alagoas
<https://orcid.org/0000-0002-5103-9787>

Adélia Augusta Souto de Oliveira
Universidade Federal de Alagoas
<https://orcid.org/0000-0001-5635-1510>

Ao Instituto Federal de Alagoas pelo apoio à qualificação profissional para a realização do doutorado em Educação da primeira autora.

Resumo

Este artigo objetivou descrever os grupos de pesquisa brasileiros que estudam a temática adolescência e juventude, bem como identificar e descrever os temas das produções científicas de pesquisadoras(es) vinculados a grupos de pesquisa em Psicologia. Trata-se de uma metassíntese sobre adolescência e juventude, na produção de conhecimento da Psicologia, a partir de duas bases de dados do CNPq: Diretório de Grupos de Pesquisa e Plataforma Lattes. Os descritores utilizados foram: adolescência, adolescências, adolescente, adolescentes, juventude, juventudes, jovem, jovens. Como resultado observou-se: 20 grupos de pesquisa; maioria dos grupos situa-se no eixo Sudeste-Sul; prevalência de mulheres na liderança dos grupos; 96 artigos publicados nos anos de 2015 a 2019; temáticas mais frequentes “comportamento de risco e violência”. Conclui-se que estudos de metassíntese sobre a produção de conhecimento da Psicologia brasileira são imprescindíveis para se realizar reflexões sobre as pesquisas realizadas e impulsionar avanços para a compreensão de determinado objeto de pesquisa, a partir de marcos histórico, social, político, institucional, intelectual e científico.

Palavras-chave: Adolescência; Juventude; Psicologia; Grupos de Pesquisa; Metassíntese.

Abstract

This article aimed to describe the Brazilian research groups that study the theme adolescence and youth, to identify and describe the themes of the scientific productions of researchers of research groups in Psychology. It is a meta-synthesis on adolescence and youth, in the production of knowledge in Psychology, from two CNPq databases: Directory of Research Groups and Lattes Platform. The descriptors used were: adolescence, adolescent, adolescents, youth. As a result: 20 research groups; most groups located in the Southeast-South axis; the prevalence of women in the leadership of groups; 96 articles published from 2015 to 2019; the most frequent themes were “risk behavior and violence”. Thus, meta-synthesis studies on the production of knowledge in Brazilian Psychology are essential to reflect on research; and to promote advances in the understanding of a particular research object, based on historical, social, political, institutional, intellectual milestone.

Keywords: Adolescence; Youth; Psychology; Research Groups; Metasynthesis.

Resumen

Este artículo tuvo como objetivo describir los grupos de investigación brasileños que estudian el tema adolescencia y juventud, así como identificar y describir los temas de las producciones científicas de investigadores vinculados a grupos de investigación en Psicología. Se trata de una meta-síntesis sobre adolescencia y juventud, en la producción de conocimiento en Psicología, a partir de dos bases de datos del CNPq: Directorio de Grupos de Investigación y Plataforma Lattes. Los descriptores utilizados fueron: adolescencia, adolescente, adolescentes, juventud. Como resultado, se observó: 20 grupos de investigación; la mayoría de los grupos se ubican en el eje Sudeste-Sur; prevalencia de mujeres en el liderazgo de grupos; 96 artículos publicados de 2015 a 2019; los temas más frecuentes “conductas de riesgo y violencia”. Se concluye que los estudios de meta-síntesis sobre la producción de conocimiento en la Psicología brasileña son fundamentales para reflexionar sobre la investigación realizada y promover avances en la comprensión de un determinado objeto de investigación, a partir de hitos histórico, social, político, institucional, intelectual y científico.

Palabras clave: Adolescencia; Juventud; Psicología; Grupos de Investigación; Metasíntesis.

Introdução

As adolescências e as juventudes são estudadas por diferentes áreas e pesquisadores(as) da Psicologia, o que evidencia uma diversidade teórica e metodológica considerável, suas contradições e fertilidades conceituais. Em contexto brasileiro, diversas pesquisas investigam e discutem essas concepções e configuram seus participantes nas investigações, se apresentam como inquietação crítica nesse artigo. Faz parte de estudos desenvolvidos no Grupo de Pesquisa/CNPq “Epistemologia e Ciência Psicológica”, que desenvolvem estudos embasados na Psicologia Social Crítica, com base metodológica no materialismo histórico-dialético.

Inicialmente, aponta-se que adolescência e juventude apresentam diferenças conceituais entre si, contudo há um comum equívoco de que se referem à mesma fase de desenvolvimento humano. Além disso, é válido apontar que infância e adolescência apresentam demarcações etárias que, por vezes, geram interpretações diferentes sobre os sujeitos considerados crianças e adolescentes, bem como acontece com adolescência e juventude.

Nesse sentido, estudos de Trancoso e Oliveira (2016, 2014) evidenciam contradições nesses usos conceituais, especialmente naqueles direcionados às políticas sociais voltadas a juventude. Por exemplo, segundo *World Health Organization - WHO* (2016), a adolescência é definida pelo critério etário, entre 10 e 19 anos de idade. Podemos notar que é mais abrangente do que a definida em dispositivos jurídicos protetivos, tais como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). De acordo com a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Brasil, 1990), no “Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente, aquela entre doze e dezoito anos de idade”.

Ainda, conforme o Estatuto da Juventude, no Art. 1º, “§ 1º Para os efeitos desta Lei, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (Brasil, 2013). No parágrafo seguinte uma ressalva é considerada, “§ 2º Aos adolescentes com idade entre 15 (quinze) e 18 (dezoito) anos aplica-se a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da Criança e do Adolescente, e, excepcionalmente, este Estatuto, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente”. Desse modo, percebe-se que embora exista uma faixa etária em comum nesses dispositivos

jurídicos entre a adolescência e a juventude, prevalece a nomeação desses sujeitos enquanto adolescentes.

Trancoso e Oliveira (2014, p. 144) apontam que cada um desses dispositivos demarca lugares diferentes com suas próprias subjetivações culturais e pode reforçar “a ideia de que adolescência e juventude são a mesma coisa, sem distinções claras, sendo possível utilizar as duas para se referir às mesmas pessoas, e, em alguns casos, omitir uma ou outra expressão pela opção em demarcar um campo político”. Corroborando essa ideia, Horta e Sena (2010) também consideram que a imprecisão conceitual sobre adolescência e juventude obscurece as práticas sócio-políticas direcionadas a esse grupo.

A seguir reflete-se sobre adolescência e juventude a partir de diferentes perspectivas teóricas. Também, ressalta-se que há uma variedade de perspectivas teóricas que desenvolvem estudos sobre essas fases do desenvolvimento humano, com suas particularidades epistemológicas e ontológicas e este artigo não tem a pretensão de adentrar nas mesmas. Desse modo, busca-se, ainda que brevemente, abordar sobre adolescência e juventude, a fim compreendê-las, tendo em vista a temática deste artigo.

Por um longo tempo, não havia mecanismos psicossociais que reconhecessem a adolescência. As crianças se tornavam adultas. Como as diferenciar, passa a ser questão crucial e, inicialmente, fundava-se em critérios biológicos, com o objetivo de identificar e generalizar aspectos físicos dos indivíduos. A puberdade era associada a essa função: o fenômeno biológico pelo qual todos os seres humanos passarão para sair da infância e entrar na vida adulta. Embora a puberdade seja universal, a adolescência é histórica e situada em determinado tempo e lugar (Carneiro, Ribeiro & Ippolito, 2015).

Na perspectiva de análise histórica, Carneiro et al. (2015) apontam que, nos estudos realizados por Ariès (1960) a categoria adolescência praticamente não existia. Assim, a partir do momento que a criança fosse considerada capaz de se inserir na vida produtiva, ela convivia com os adultos, sem as definições e caracterizações etárias vividas posteriormente no processo de socialização das crianças, adolescentes e jovens. Esses últimos eram considerados jovens adultos, pois seus corpos estavam aptos a participarem da vida produtiva. Apenas nas classes privilegiadas, como ainda permanecem na contemporaneidade, os jovens adultos tinham condições de prolongar os estudos e não serem rapidamente inseridos em atividades produtivas, nas quais gradualmente essas configurações contribuíram para uma diferenciação entre infância e idade adulta.

Contudo, ainda por muito tempo, infância e adolescência serão indiferenciadas, já que os indivíduos são vistos como uma mescla de características infantis e adultas, o que permite receberem castigos corporais por sua proximidade com a infância.

Baseada na Psicologia Sócio-Histórica, Sousa e Moreira (2012) consideram a adolescência como uma construção histórico-cultural. Considera-se a multiplicidade da adolescência, a qual está submetida às dimensões históricas, sociais, políticas, econômicas e culturais. Ainda, o adolescente exerce um papel ativo que faz elaborações sobre si e sobre o mundo, de modo a não ser um mero reprodutor de ações. Sendo importante ressaltar que a adolescência não se reduz a uma mera transição entre infância e fase adulta, tendo suas peculiaridades como etapa do desenvolvimento humano.

Na perspectiva psicanalítica, segundo Blos (1962/1985, p. 9),

a adolescência caracteriza-se, sobretudo pelas mudanças físicas, mudanças que refletem em todas as facetas do comportamento. Não só é certo que os adolescentes de ambos os sexos são profundamente afetados pelas mudanças físicas que ocorrem em seus próprios corpos - como também, num plano mais sutil e inconsciente, o processo de pubescência afeta o desenvolvimento de seus interesses, seu comportamento social e a qualidade de sua vida afetiva.

No entanto, a perspectiva antropológica, por meio do estudo de Mead (1984), coloca-se de encontro a essa concepção universal. Esse trabalho demarca a desconstrução da adolescência como uma categoria universal, ou seja, a puberdade pode se caracterizar como um fenômeno universal, já a adolescência não, sendo essa marcada por tensões de caráter psíquico que vão além de mudanças fisiológicas (Carneiro et al., 2015).

Ao longo das décadas, a problematização do conceito de adolescência pela Psicanálise permitiu a concepção desta como operação psíquica, onde ela deixou de ser considerada apenas uma sequência de acontecimentos cronológicos e orgânicos, para a compreensão dela como construção social e psíquica, indicando assim, a nosso ver, um avanço para a compreensão da complexidade desses estudos. Na inscrição desta fase do desenvolvimento no laço social, o Outro social apresenta grande valor sobre as construções na passagem da adolescência. Nas últimas décadas, a juventude transformou-se em um ideal do mundo adulto, em que o corpo ocupa uma centralidade como índice de sucesso e a passagem do tempo transformou-se em uma fonte de sofrimento (Gurski & Pereira, 2016).

Bianco e Nicacio (2015) também consideram que a adolescência não se trata apenas de uma fase natural do desenvolvimento, embora as mudanças fisiológicas tenham

importância para a adolescência, uma vez que trazem significativas mudanças para o corpo do adolescente, principalmente no que se refere à sexualidade e à identidade. Com base na psicanálise, o objetivo dos autores é mostrar que a adolescência não é natural e é uma resposta do encontro do real do sexo e do corpo, que leva em consideração que esse encontro se opera no inconsciente pela via da castração.

Estudos psicanalíticos apontam ainda, conforme Birman (2008), que a adolescência começa cada vez mais precoce, diminuindo a duração da infância. Essa se estreita, em decorrência dos imperativos de desempenho impostos às crianças desde cedo, reduzindo o espaço e o tempo dos jogos e brincadeiras infantis, conseqüentemente isso incide sobre o imaginário infantil. Por outro lado, a adolescência se prolonga excessivamente, decorrente da não inserção social dos jovens no mundo do trabalho e dos impasses para a constituição de um novo núcleo familiar.

Ao abordar sobre juventude, em uma perspectiva sócio-histórica, problematiza-se a falsa dicotomia entre o biológico e o cultural na constituição desse conceito. Para isso, considera-se o interpsicológico para localizar as mudanças biológicas em um escopo cultural (Trancoso, 2012). A juventude também é vista como distinta da adolescência e na participação do sujeito em questões sociais e políticas do seu entorno e da sociedade. Ao contrário da adolescência em que ainda se situa mais intensamente transformações voltadas para si, em aspectos físicos e psicológicos (Trancoso & Oliveira, 2014).

Também as particularidades e contextos de vida são essenciais na compreensão conceitual sobre a adolescência e juventude, considerando a diversidade da condição juvenil. Observa-se nas classes privilegiadas o prolongamento da juventude e nas periferias essa fase é encurtada para assumir trabalho e família (Horta & Sena, 2010). Nesse sentido, pode-se refletir sobre a desigualdade social, em uma perspectiva sócio-histórica, e como o estudo desse fenômeno contribui para desnaturalizar concepções sobre a juventude e como o(a) jovem se constitui, sejam pobres ou ricos(as), considerando a realidade social e os sujeitos ativos que, simultaneamente, constituem e são constituídos por ela (Melsert & Bock, 2015). Nesse sentido, nota-se também a juventude e suas relações com o mundo do trabalho, com os projetos para o futuro e construção da sua subjetividade dando novos contornos às situações de crise e descobertas da adolescência.

Em uma perspectiva psicanalítica, discute-se sobre a juventude e como essa circula como um dos ideais do imaginário social relacionada ao sucesso e à estética.

Ainda, na juventude o sujeito depara-se o real contraditório. O(A) jovem enfrenta a realidade, o desafio de separar-se da família e lidar o que é lhe é estranho e desconhecido (Assis, 2018).

Desse modo, os conceitos de adolescência e juventudes são complexos e diversos, do ponto de vista teórico e metodológico, o que incide também em políticas sociais. Cada abordagem na Psicologia produz reflexões que buscam dar base para a compreensão ou explicação dessa categoria ou conceito, a partir de dimensões epistemológicas e ontológicas distintas, de modo que cada uma produz conhecimentos que problematizam aspectos e ênfases nessa diversidade categorial e conceitual.

Objetivos

Parece-nos relevante apresentar um mapeamento geográfico, histórico, institucional e temático dos grupos de pesquisa em Psicologia que abordam estudos sobre adolescência e juventude. Desse modo, pretende-se descrever os grupos de pesquisa brasileiros que estudam a temática adolescência e juventude; identificar e descrever os temas das produções científicas de pesquisadoras(es) da adolescência e juventude vinculadas(os) a grupos de pesquisa em Psicologia.

Método

A metassíntese se apresenta como estratégia metodológica para as reflexões aqui problematizadas (Oliveira, Trancoso, Bastos & Canuto, 2015; Trancoso & Oliveira, 2014). São consideradas as seguintes etapas: Exploração; Refinamento; Cruzamento; Descrição e Análise. Assim, a exploração refere-se à busca pela fonte onde serão obtidos os dados para realização da pesquisa, bem como análise da viabilidade desta. O refinamento inicia o tratamento das informações, com definições criteriosas para a composição do material a ser analisado. O cruzamento auxilia na identificação de duplicidade e de inconsistência de material empírico (Oliveira et al., 2015).

A etapa da descrição permite a visualização geral da amostra e identificação de materiais com maior potencial analítico. Desse modo, possibilita definição e justificativas de recortes necessários, seja pelo volume, acesso restrito *online*, e/ou outras. Por fim, a

análise permite leitura aprofundada e interpretação do material escolhido e estabelecimento de avanços teóricos na compreensão do objeto de estudo estabelecido na pesquisa (Oliveira et al., 2015).

Nessa direção, na etapa de exploração foi utilizada a base de dados, no *site*, do Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP) e da Plataforma Lattes, ambas do CNPq:

O Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil constitui-se no inventário dos grupos de pesquisa científica e tecnológica em atividade no País. [...] As informações contidas no Diretório dizem respeito aos recursos humanos constituintes dos grupos (pesquisadores, estudantes e técnicos), às linhas de pesquisa em andamento, às especialidades do conhecimento [...] Os grupos de pesquisa inventariados estão localizados, principalmente, em universidades, instituições isoladas de ensino superior com cursos de pós-graduação *stricto sensu*, institutos de pesquisa científica e institutos tecnológicos (DGP, 2020a).

A Plataforma Lattes é um sistema de informações do CNPq, que integra bases de dados de currículos, de grupos de pesquisa e de instituições. O Currículo Lattes atualmente é um padrão nacional que registra dados anteriores e atuais de estudantes e pesquisadores(as) (Plataforma Lattes, 2020a).

Assim, optou-se pela escolha da grande área *Ciências humanas*, da área *Psicologia*, dos descritores *adolescência*, *adolescências*, *adolescentes*, *adolescentes*, *juventude*, *juventudes*, *jovem*, *jovens* e o campo “nome do grupo” para identificar presença dos descritores já nesse momento. A etapa referente ao refinamento caracterizou, por meio de planilhas, a sistematização das informações, tais como: nome do grupo, líder, instituição (pública ou privada), região, descritor, ano de criação do grupo, descrição do grupo, linhas de pesquisa. A etapa de cruzamento não identificou repetições agrupadas pelos diferentes descritores.

Outra origem de informações ocorreu, entre os meses de novembro e dezembro de 2019, por meio da produção de artigos dos grupos, presente na Plataforma Lattes do CNPq. Assim, foram identificados 96 artigos de 13 líderes e descritos seus temas com base nos títulos e resumos, publicados em periódicos, entre os anos de 2015 e 2019.

Resultados

Grupos de Pesquisa do CNPq

A identificação dos 20 grupos encontrados, a instituição a qual pertencem, a região do Brasil, o ano de criação, o(a) líder do grupo, temas identificados em artigos, produzidos pelo(a) líder, a partir da consulta na Plataforma Lattes e as repercussões dos grupos apresentam-se, a seguir, na Tabela 1¹:

¹ Foram consultados os espelhos dos grupos por meio do Diretório de Grupos de Pesquisa (DGP) em janeiro de 2020, os links dos mesmos estão disponíveis nas referências.

Tabela 1 – Relação dos grupos de pesquisa obtidos no DGP com os descritores selecionados.

Grupos	Líder	Instituição	Região	Ano de criação do grupo
Infância, Adolescência , Família e Sociedade	Lidia Natalia Dobrianskyj Weber	Universidade Federal do Paraná	Sul	1992
Desenvolvimento sociomoral de crianças e adolescentes	Raul Aragão Martins	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho	Sudeste	2002
Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência (NUPEDIA)	Maria de Fatima Pereira Alberto	Universidade Federal da Paraíba	Nordeste	2006
Infância, Juventude e Cultura Contemporânea – GEIJC	Raquel Gonçalves Salgado	Universidade Federal de Mato Grosso	Centro-oeste	2006
Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância e Adolescência	Ana Cristina Serafim da Silva	Universidade Federal do Tocantins	Norte	2011
NEPEIA - Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Infância e Adolescência	Luciane De Conti	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Sul	2011
Núcleo de Investigações Neuropsicológicas da Infância e Adolescência (NEURÔNIA)	Patrícia Martins de Freitas	Universidade Federal da Bahia	Nordeste	2012
Grupo de Estudos e Pesquisa em Adolescência, Juventude e Fatores de Vulnerabilidades e Proteção	Lucia Isabel da Conceição Silva	Universidade Federal do Pará	Norte	2012
Laboratório de Estudos sobre Violência contra Crianças e Adolescentes	Ana Cláudia de Azevedo Peixoto	Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro	Sudeste	2013
Estudos sobre Infância e Adolescência	Ana Priscila Batista	Universidade Estadual do Centro-Oeste	Centro-oeste	2013
Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Infância e Adolescência (LEPIA)	Antonio Augusto Pinto Junior	Universidade Federal Fluminense	Sudeste	2013
Circulando entre invenções: um novo dispositivo clínico com jovens autistas	Ana Beatriz Freire	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Sudeste	2014
Psicologia da Saúde e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente	Sônia Regina Fiorim Enumo	Pontifícia Universidade Católica de Campinas	Sudeste	2014
Sistema de proteção a crianças e adolescentes : Pesquisas e aplicações	Débora Dalbosco Dell'Aglio	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Sul	2014
Automutilação em Pré-Adolescentes e Adolescentes-Estudo e Intervenção	Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo	Universidade de São Paulo	Sudeste	2016
VIA-Redes (Violência, Infância, Adolescência e atuação das Redes de proteção e atendimento)	Jean Von Hohendorff	Faculdade Meridional	Sul	2017
Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Políticas Sociais e Direitos de Crianças e Adolescentes	Renata Theophilo da Costa Moura	Universidade Federal Fluminense	Sudeste	2018
Laboratório de Relações Raciais, Direitos Humanos e Direitos da Criança e do Adolescente (Lab R2D2)	Airi Macias Sacco	Universidade Federal de Pelotas	Sul	2018
As Implicações da pós-modernidade na constituição da subjetividade do adolescente	Marcos Maestri	Universidade Estadual de Maringá	Sul	2018
Família, juventude e cultura digital	Márcia Stengel	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais	Sudeste	2019

Fonte: Elaboração própria (2021).

Pôde-se observar a presença das palavras **infância**, **criança**, **adolescência** ou **adolescente**, ou das suas variações no plural, (em negrito na Tabela 1) em 14 grupos, o que pode indicar o interesse de realizar estudos com crianças e adolescentes, em

detrimento do uso do termo juventude. Percebe-se ainda, que 17 grupos estão vinculados às instituições públicas de ensino superior, sendo que UFRGS e UFF apresentam dois grupos em cada; as demais um grupo cada. Resultado que também nos parece relevante é a presença marcante de 16 líderes mulheres, sendo representadas por 80% da amostra obtida, o que demonstra importante realidade de pesquisas científicas brasileiras na temática analisada, ou seja, realizadas por mulheres no âmbito de instituições públicas.

Com relação à localização geográfica dos Grupos de Pesquisa, as regiões Sudeste (40%) e Sul (30%) se destacaram. As demais regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentaram dois grupos (10%) em cada, o que permite visualizar o panorama regional da pesquisa brasileira relacionada a essa temática de estudo.

Pode-se destacar, ainda, o descritor que mais auxiliou na identificação dos grupos de pesquisa. Os descritores adolescência (8 grupos) e adolescentes (5 grupos) foram os mais significativos na busca, seguidos de adolescente (3 grupos), juventude (2 grupos), jovens (1 grupo) e adolescência/juventude (1 grupo). Deve-se considerar que se referem à área da Psicologia, escolhida para esse estudo.

Um aspecto de interesse crucial em estudos de metassíntese refere-se à compreensão histórica de interesse de estudos sobre os fenômenos e permite uma demarcação temporal quanto à origem dos grupos de pesquisa. Observou-se o primeiro grupo, criado na década de 90, em que se vislumbra a iniciativa e pioneirismo do mesmo, sendo os demais criados a partir de 2002. Entre 2011 e 2014 foi o período de maior crescimento de formação dos grupos de pesquisa. Essas informações, datadas historicamente, estão relacionadas com o aumento de pesquisas no Brasil, em consonância com a ampliação das pós-graduações em Psicologia no contexto brasileiro.

Sobre referenciais trabalhados nos grupos, conforme dados obtidos nos espelhos desses, observou-se: Avaliação psicológica; Psicologia positiva; Educação; Perspectiva histórico-cultural; Educação, Psicologia e afins; Estudos da infância e da juventude; Estudos culturais; Estudos de gênero e raça; Estudos pós-feministas; Teoria crítica; Terapia cognitivo-comportamental; Terapia do esquema; Psicanálise; Psicodinâmica; Psicologia da Saúde; Teoria bioecológica do desenvolvimento; Psicologia sócio-histórica.

Sobre a quantidade de linhas de pesquisa (30), 5 grupos (27,8%) apresentam uma linha de pesquisa; 3 grupos (16,7%) apresentam 2 linhas de pesquisa; 5 grupos (27,8%)

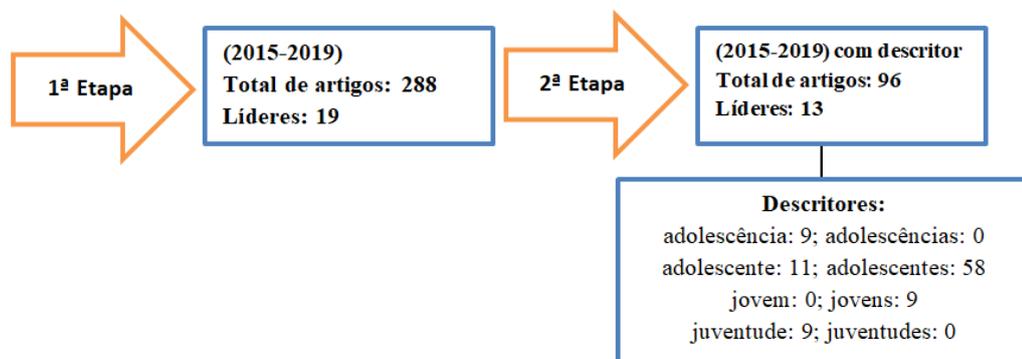
apresentam 3 linhas de pesquisa; 2 grupos (11,1%) apresentam 4 linhas de pesquisa; um grupo apresenta 5 linhas de pesquisa; um grupo apresenta 6 linhas de pesquisa; 1 grupo apresenta 9 linhas de pesquisa. Desse modo, os dados, no interior dos grupos na plataforma, evidenciam a amplitude e variabilidade de estudos agrupados em diversas linhas de pesquisa.

Produções dos(as) líderes

Os artigos recentes (2015-2019), de autoria de cada líder (ver Figura 1), obtidos via Plataforma Lattes, com a identificação no título, nas palavras-chave e participantes de, pelo menos, um dos descritores em língua portuguesa - *adolescência, adolescências, adolescentes, adolescentes, juventude, juventudes, jovem, jovens*- e seus equivalentes em língua inglesa e espanhola - *adolescents, adolescence, youth* - ou com o mesmo radical - *adolescens, juvenil*-, totalizaram 96 produções de 13 líderes.

Figura 1

Etapas da seleção dos artigos

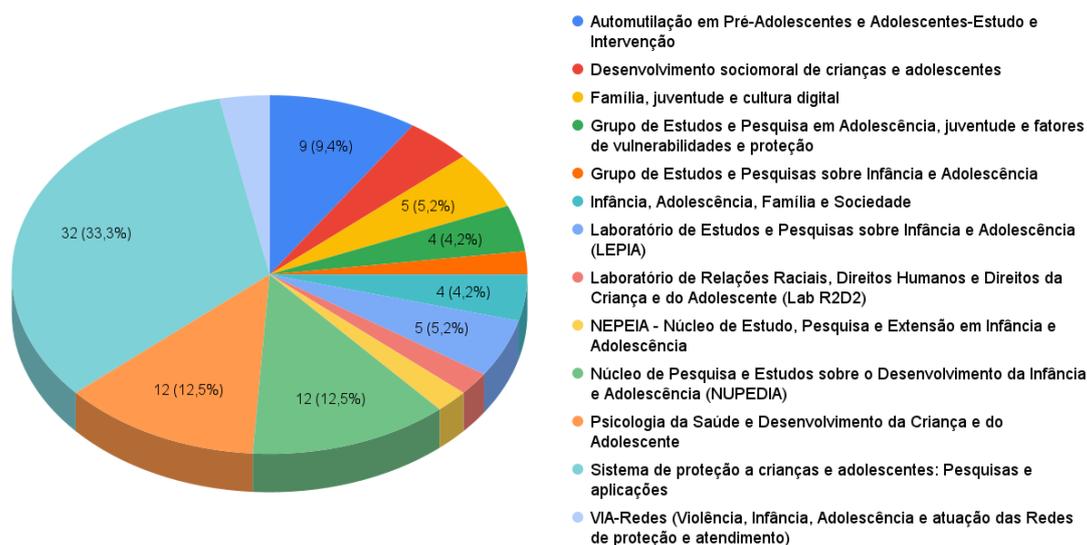


Fonte: Elaboração própria (2021).

Quanto ao uso de descritores, o estudo revelou a seguinte configuração, no campo de conhecimento da Psicologia: adolescentes (58), adolescente (11), adolescências (0), adolescência (9), jovens (9), jovem (0), juventude (9), juventudes (0) (ver Figura 1).

Figura 2

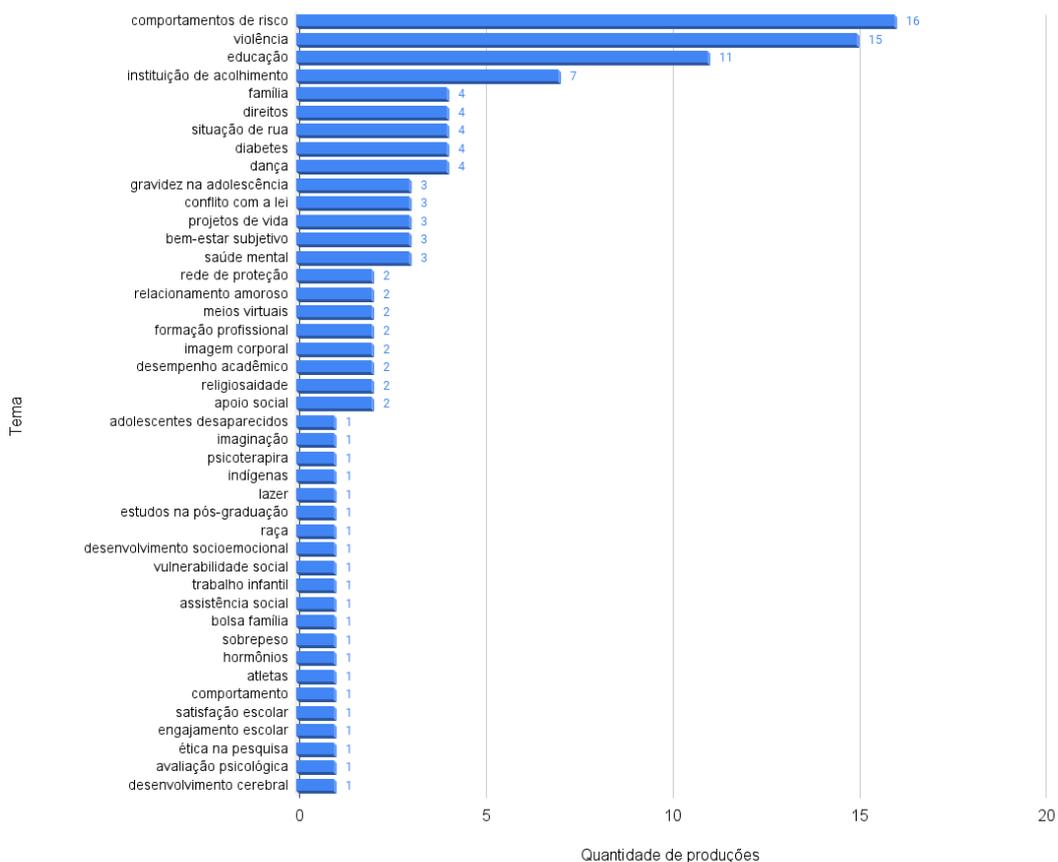
Quantidade de produções identificadas a partir do líder do grupo



Fonte: Elaboração própria (2021).

A Figura 2 apresenta o quantitativo das produções identificadas com os descritores de busca, a partir dos títulos dos trabalhos dos(as) líderes dos grupos a partir da Plataforma Lattes. O grupo *Sistema de proteção a crianças e adolescentes: Pesquisas e aplicações* (32 artigos) destacou-se em relação ao quantitativo de produções. Também se destacam os grupos *Psicologia da Saúde e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente* (12 artigos) e *Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência* (12 artigos).

Os 96 artigos dos 13 líderes permitiram identificar, conforme observado na Figura 3, os principais temas pesquisados. O levantamento dos temas foi realizado por meio da leitura dos títulos, resumos e palavras-chave. Em relação aos resumos, destaca-se que a leitura priorizou a identificação nos objetivos do grupo a presença da temática. Os temas mais investigados pelos grupos em Psicologia, presentes em 16 artigos, foram comportamentos de risco (uso de substâncias, comportamento sexual de risco, comportamento antissocial e comportamento suicida) e em 15 artigos tratou-se da violência (doméstica, intrafamiliar, sexual, direta e indireta, física), para essa quantidade foram excluídos dois artigos repetidos.

Figura 3*Temas das produções entre 2015 e 2019***Fonte:** Autoria própria (2021).

Discussão

Foram estabelecidas duas categorias de análise dos trabalhos, com base nos temas mais pesquisados identificados nas produções dos(as) líderes, que são: comportamento de risco e violência, conforme descrito na seção anterior.

Comportamento de Risco

Comportamento de risco relaciona-se a atividades que podem afetar a integridade física e mental do(a) adolescente e do(a) jovem. O engajamento em comportamentos de

risco, tais como uso de substâncias, comportamento antissocial, comportamento sexual de risco e comportamento suicida, podem se relacionar a aspectos pessoais e contextuais. Dentre os aspectos contextuais, o ambiente familiar tem papel central no processo de desenvolvimento físico, psicológico e social (Zappe & Dell’Aglío, 2016b; Zappe & Dell’Aglío, 2016c). Além do risco a si mesmo(a), tal comportamento pode se relacionar a condutas que violam regras socialmente instituídas que podem ter riscos sociais e culturais (Nardi, Hauck Filho & Dell’Aglío, 2016). Ainda, vale apontar que as relações que o(a) adolescente e o(a) jovem pode estabelecer sobre o uso de substâncias e sobre a sexualidade não tem uma relação direta com comportamento de risco. Por isso, é importante compreender que lugar ocupam tais relações na adolescência, onde há novas descobertas quanto ao corpo, prazer e vínculos afetivos.

Os artigos que compõem essa categoria abordam diversos tipos de comportamentos de risco, tais como: autolesão e sua relação com autoimagem, personalidade e depressão (Tardivo et al., 2019), depressão, autoestima e comportamentos antissociais (Weber, 2017), comportamento suicida (Dell’Aglío & Braga, 2015; Zappe & Dell’Aglío, 2016b); comportamento sexual de risco (Campos & Martins, 2017; Cordellini et al., 2015; Alves & Dell’Aglío, 2015; Dallo & Martins, 2018; Zappe & Dell’Aglío, 2016b); uso de substâncias psicoativas, com a prevalência de uso de bebidas alcoólicas (Romera, Martins & Reis, 2017; Yamauchi, Andrade, Pinheiro, Enumo & Micheli, 2019; Zappe & Dell’Aglío, 2016b) e comportamento antissocial (Zappe & Dell’Aglío, 2016b). Especificamente, foram observados seis estudos sobre comportamento de risco com adolescentes em instituições de acolhimento e medidas socioeducativas (Pinto Junior & Silva, 2018; Teixeira, Campos & Martins, 2017; Nardi, et al., 2016; Wendt et al., 2019; Zappe & Dell’Aglío, 2016a, 2016c).

O uso de substâncias psicoativas demonstrou estar relacionado com comportamento sexual de risco entre adolescentes, como a impulsividade e o sexo desprotegido motivado pelo consumo dessas substâncias (Alves & Dell’Aglío, 2015; Dallo & Martins, 2018; Campos & Martins, 2017). Ainda sobre o uso de substâncias psicoativas, notaram-se aspectos culturais como fator que aumenta a prevalência de uso de bebidas alcoólicas entre adolescentes (Yamauchi et al., 2019; Romera et al., 2017; Zappe & Dell’Aglío, 2016b).

O estudo de Yamauchi et al. (2019) avaliou as representações sociais sobre o uso de bebidas alcoólicas por adolescentes e identificou que são relacionadas ao lazer, festa, à socialização. Também relacionado ao lazer, Romera et al. (2017) identificaram que o uso de bebidas alcoólicas de adolescentes frequentadores de espetáculos futebolísticos é comum entre jovens torcedores. E o artigo de Zappe e Dell’Aglío (2016b) apresentou o uso de substâncias como o comportamento de risco mais prevalente entre adolescentes de escolas públicas de diferentes estados do Brasil.

Em outros estudos também foi observado o uso de substâncias psicoativas por adolescentes que estão cumprindo alguma medida socioeducativa (Nardi et al., 2016; Teixeira et al., 2017; Zappe & Dell’Aglío, 2016c). O uso de substâncias psicoativas foi considerado alto em adolescentes em semiliberdade quando comparado com a população em geral (Teixeira et al., 2017).

Com relação ao comportamento sexual de risco, o acesso apenas à informação não é suficiente para que as práticas de proteção ocorram, por envolver também questões afetivas, culturais, políticas e religiosas que perpassam a sexualidade (Alves & Dell’Aglío, 2015; Campos & Martins, 2017; Cordellini et al., 2015). Nesse sentido, programas educacionais que abordem a temática sexualidade de maneira informativa e acolhedora na singularidade de cada jovem são necessários.

Todos os artigos apontaram de alguma forma para o acolhimento, suporte e apoio da família como fundamental no processo de minimização dos comportamentos de risco entre os(as) adolescentes. A presença da família é notada nos estudos como fator protetivo aos comportamentos de risco e também a ausência dela como fator promotor de comportamentos de risco (Wendt et al., 2019; Zappe & Dell’Aglío, 2016a, 2016b, 2016c). Wendt et al. (2019) observaram que crianças e adolescentes que viviam com as famílias apresentavam menos eventos estressantes, estavam mais satisfeitos com a família e consigo mesmo, em comparação aos que viviam em instituições de acolhimento.

Zappe e Dell’Aglío (2016a, 2016c) identificaram comportamento de risco mais alto em adolescentes institucionalizados(as) do que aqueles que viviam com suas famílias, relações com menos positividade em relação à escola e à família e apresentaram escores maiores de comportamento suicida. Ainda, ressalta-se que os(as) adolescentes institucionalizados estão em contato com maior presença de eventos estressores e de violência. Nesse sentido, as situações de vulnerabilidade, negligência ou violação de

direitos vivenciadas por esses sujeitos podem impactar negativamente no desenvolvimento e contribuir para o engajamento em comportamentos de risco. Contudo, embora os índices sejam mais altos em adolescentes institucionalizados(as), os comportamentos de risco também se apresentaram de forma significativa nos(as) adolescentes que vivem com suas famílias. Desse modo, tais comportamentos precisam de atenção na adolescência e da compreensão sobre os fatores pessoais e contextuais que motivam os mesmos.

Weber (2017) identificou que as relações feitas entre depressão e práticas educacionais apontam para a falta de regras e monitoria como um fator de risco para sinais de depressão e outros comportamentos como consumo de drogas ilícitas. Dell’Aglío e Braga (2015) observaram maior frequência de ideação suicida entre adolescentes que viviam fora de casa. Zappe e Dell’Aglío (2016b) também identificaram, em estudantes de escolas públicas de diferentes estados do Brasil, que os fatores considerados protetores foram: as relações positivas com a família, escola, religião e comunidade, expectativas positivas sobre o futuro, autoestima.

Nardi et al. (2016) investigaram preditores de comportamento antissocial em adolescentes em medida socioeducativa de internação e estudantes de escolas públicas. Os(As) adolescentes em medida socioeducativa apresentaram médias significativamente superiores das variáveis de risco (comportamento antissocial, violência intrafamiliar e extrafamiliar, uso de drogas e exposição a eventos estressores) e as variáveis consideradas de proteção (relacionamento familiar e expectativas para o futuro) foram maiores nos(as) adolescentes das escolas. Ainda, foi observado que a violência intra e extrafamiliar têm relação significativa com o comportamento antissocial. As diferenças entre os grupos podem ser explicadas pelo contexto de violência, baixa escolaridade, instabilidade do ambiente familiar, condições de fragilização de vínculos e violação de direitos, produzidas historicamente. Desse modo, é necessário refletir sobre as situações vivenciadas por esses(as) adolescentes, seja no ambiente familiar (recursos materiais e afetivos), como também a falta de acesso à educação, que aumentam a vulnerabilidade desses sujeitos e as consequências negativas em seu desenvolvimento.

Violência

Nesta categoria foi possível identificar diferentes tipos de violência (física, doméstica, intrafamiliar, extrafamiliar, sexual) enquanto temas de pesquisa. A violência é fator de risco para o desenvolvimento na adolescência e a sua incidência sobre essa fase pode ser explicada devido às relações de poder e vulnerabilidade de adolescentes, os quais dependem da família. Situações em que esses indivíduos estão expostos a familiares agressivos podem potencializar efeitos negativos de ordem social, física e/ou emocional (Maia, Nunes, Silva & Silva, 2017).

Os artigos que compõem essa amostra abordam sobre: violência direta e indireta (Patias & Dell’Aglío, 2017); violência física (Sacco, Ferreira & Koller., 2016); violência intrafamiliar (Maia et al., 2017; Miura, Tardivo & Barrientos, 2015; Paixão, Patias & Dell’Aglío, 2018; Silva & Dell’Aglío, 2016); violência doméstica (Pinto Junior, Tardivo & Cassep-Borges, 2017; Pinto Junior et al., 2015; Pinto Junior, Cassep-Borges & Santos, 2015; Tardivo, 2017); exploração, violência e abuso sexual (Baía, Veloso, Habigzang, Dell’Aglío & Magalhães, 2015; Hohendorff, Koller & Habigzang, 2015; Hohendorff & Patias, 2017; Hohendorff, Santos & Dell’Aglío, 2015; Silva & Alberto, 2016).

Patias e Dell’Aglío (2017) investigaram a exposição à violência direta e indireta. Nota-se como esse fenômeno é abrangente. Os resultados mostraram que 65% dos adolescentes participantes já sofreram alguma violência direta (principalmente violência física), enquanto 97% foram expostos à violência indireta (presenciar tráfico de drogas, violência física, assaltos, invasões e mortes). Em outros contextos como a escola, Sacco et al. (2016) abordaram sobre castigos físicos em escolas de ensino público primário de Angola. A maioria dos participantes já tinha sofrido alguma agressão física por parte de professores. As crianças e adolescentes, em sua maioria, apesar de relatarem não gostar de serem castigadas, afirmaram que acreditam que essas atitudes são necessárias para a aprendizagem. Desse modo, também se questiona como tais agressões podem repercutir negativamente nesses(as) estudantes.

Sobre violência intrafamiliar, pode-se observar repercussões negativas que esse fenômeno apresenta sobre o desenvolvimento na adolescência (Maia et al., 2017; Miura et al., 2015; Paixão et al., 2018; Silva & Dell’Aglío, 2016). Ela configura-se como fator

de risco e pode se manifestar por meio de violências verbais e físicas são os principais tipos de agressão, como por exemplo, “soco e surra” e “ameaça e humilhação”. Dentre os agressores, a mãe e o pai apareceram como os principais em situações de violência física e a madrasta e os avós apresentaram altos níveis de violência psicológica (Maia et al., 2017).

Experiências de violência podem produzir contextos de vulnerabilidade para as adolescentes e repercutir sobre a gravidez. Ao analisar grupos de adolescentes vítimas de violência doméstica e não vítimas observou-se como a falta de suporte da família, abandono e violência diminuíram a confiança e esperança das adolescentes. Ainda, o uso de drogas durante a gravidez, aumentando situações de risco. Isso requer a atenção dos profissionais de saúde às adolescentes grávidas vítimas de violência (Miura et al., 2015).

Nessa perspectiva, Paixão et al. (2018) analisaram as relações entre violência intrafamiliar, clima familiar e sintomas de transtorno mental na adolescência. Foi possível observar associações significativas entre sintomas de transtornos mentais, violência intrafamiliar e conflito com o aumento de sintomas de transtornos mentais. Aponta-se que as meninas apresentaram índices mais elevados de sintomas de transtornos mentais.

Em consonância com esse estudo, Silva e Dell’Aglia (2016) investigaram as relações entre exposição à violência em contexto intrafamiliar e extrafamiliar e bem-estar subjetivo. Os resultados mostraram maior exposição intrafamiliar entre meninas e maior exposição à violência extrafamiliar entre meninos. Entre os meninos foram maiores os níveis de bem-estar subjetivo. Isso indica que as meninas são mais vulneráveis à violência intrafamiliar e doméstica, fato que pode também ser explicado por estereótipos e funções socialmente construídas que atribuem papéis domésticos como tipicamente femininos.

Sobre a violência doméstica, os estudos revelam como esse fenômeno produz sofrimento aos(às) adolescentes. Há estudos comparativos em grupos que vivenciaram e não vivenciaram violência (Tardivo, 2017; Pinto Junior et al., 2017), bem como o trabalho com serviços que trabalham diretamente com a população, como o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) e o Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS) (Pinto Junior et al., 2015; Pinto Junior, Cassepp-Borges et al., 2015).

Tardivo (2017) buscou identificar indicadores no Desenho de Figura Humana em crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica. Foi possível identificar nessas

peças dificuldades emocionais, sinais de impulsividade e insegurança e dificuldades de estruturação da personalidade. Foi evidenciado o sofrimento e consequências que a violência doméstica proporciona. No estudo de Pinto Junior et al. (2017) foram avaliadas experiências de vítimas de violência doméstica. Os(As) participantes que foram vítimas apresentaram taxas elevadas, estatisticamente significativas, diferente do grupo de controle que obteve índices que não foram sugestivos à experiência de violência.

Pinto Junior, Cassepp-Borges et al. (2015) buscaram caracterizar os tipos de violência doméstica infantil e as estratégias de intervenção por meio de análise de prontuários de atendimentos realizados no Creas. A violência sexual, a violência física e a negligência foram as mais frequentes. O perfil dos agressores é em sua maioria do sexo masculino, entre 31 e 40 anos de idade. As vítimas são em grande parte do sexo feminino e entre 14 e 18 anos de idade.

Sobre a identificação da violência sexual, Baía et al. (2015) buscaram caracterizar os padrões de revelação e descoberta do abuso sexual a partir de prontuários em serviços especializados. Os resultados mostraram maior frequência de vítimas do sexo feminino, o(a) agressor(a) foi membro da família, as genitoras foram as principais a detectar o abuso sexual ou encaminhar os casos aos conselhos tutelares, delegacias e Creas.

Em Hohendorff, Santos et al. (2015) pode ser visto um caso em que a mãe identifica o abuso sexual sofrido pelo filho. Os autores buscaram compreender o processo de revelação da violência sexual sofrida por um menino, por meio do relato de sua mãe. A descoberta da violência sexual ocorreu a partir do diálogo entre mãe e filho. O agressor foi um vizinho, o qual era considerado uma pessoa de confiança. Reforça-se a importância da proximidade entre a mãe e o filho para a descoberta do abuso sexual. Quanto às consequências, há sentimentos de culpa da mãe quanto à proteção do filho, preocupação com a sexualidade do filho e sobre ele mesmo poder se tornar um agressor.

Ainda, sobre a exploração sexual, Silva e Alberto (2016) analisaram as vivências subjetivas relacionadas ao uso do corpo por crianças e adolescentes do sexo feminino, vítimas desse tipo de violência. Os resultados mostraram a necessidade de sobrevivência, infância e adolescência que não foram vividas, direitos negados e relação desigual de gênero. Devido à situação de abuso e exploração também desenvolvem uma relação negativa com o próprio corpo, marcada por vergonha e nojo.

Nota-se que a violência apresenta repercussões negativas sobre o desenvolvimento dos(as) adolescentes e jovens, as quais podem também incidir para a manifestação de comportamentos de risco. Desse modo, percebem-se possíveis relações entre as categorias aqui apresentadas, no que se refere à presença da violência e situações que colocam os(as) adolescentes e jovens em situações de vulnerabilidade que contribuem para comportamentos de risco nessas fases de desenvolvimento.

Considerações finais

Estudos de metassíntese sobre a produção de conhecimento da Psicologia brasileira são imprescindíveis para se realizar reflexões sobre as pesquisas realizadas e impulsionar avanços significativos. Obter marcos históricos, sociais, políticos, institucionais, intelectuais e científicos são primordiais para a compreensão de determinado objeto de pesquisa. Em especial, a adolescência e juventude, por constituírem momentos que operam em qualquer sujeito.

As mudanças rápidas, vividas no contemporâneo e as exigências a essa população, as quais ocorrem na mesma velocidade e dinâmica, demandam que a Psicologia e as pesquisas realizadas, nesse campo de conhecimento, acompanhem esses movimentos. As políticas públicas e sociais, adolescentes, jovens e a sociedade também dependem dessas reflexões.

Nesse sentido, este artigo apresenta relevância para estudantes e pesquisadores(as) que investigam sobre a adolescência e juventude ao trazer reflexões sobre as pesquisas em Psicologia no cenário brasileiro, bem como evidencia as potencialidades de exploração de bases de dados públicas, como DGP e Plataforma Lattes, para a compreensão e disseminação da pesquisa científica.

Esforços realizados por cientistas, observados a partir de nossos achados, indicam maior consolidação das pesquisas nas Instituições de Ensino Superior (IES) desses locais. Esforços institucionais para a ampliação e consolidação da ciência, em outras regiões brasileiras, são necessários. A grande presença de mulheres cientistas nas pesquisas indica uma participação relevante na produção de conhecimento dessa área na Psicologia.

A criação de plataformas de dados como o DGP, em 1993 (DGP, 2020b), e a Plataforma Lattes, em 1999 (Plataforma Lattes, 2020b), é de grande importância para a

divulgação científica brasileira, sendo disponíveis para que diversas pessoas tenham acesso aos grupos que realizam pesquisas em diversas áreas e temas por meio do DGP, bem como a Plataforma Lattes permite conhecer o perfil dos(as) pesquisadores(as) quanto às pesquisas realizadas.

Sobre a formação histórica dos grupos de pesquisa, nota-se que a maioria dos grupos atuais foi formada após 2000, contudo a prevalência ocorre a partir de 2011. Isso sugere um importante engajamento, mais recente de grupos, voltados, especificamente, para a discussão da adolescência e juventude.

Sobre os temas, identificados nas produções de vários(as) líderes de grupos de pesquisa, nota-se a prevalência de estudos a respeito de comportamentos de risco e sobre violência. Sobre comportamentos de risco (suicídio, uso de álcool e outras drogas, comportamento sexual de risco, comportamento antissocial) as pesquisas indicam interesse sobre os conflitos psicológicos que podem ocorrer nessa fase de desenvolvimento humano. Com relação à violência, foram identificadas pesquisas sobre violência doméstica, violência intrafamiliar e violência sexual.

Isso também aponta para os desafios dos(as) profissionais de Psicologia e da sociedade em intervir nas manifestações de sofrimento e vulnerabilidade identificadas em adolescentes e jovens. Nota-se nos artigos analisados a forte presença de estudos primários com adolescentes. Dessa forma, há prevalência de temas de pesquisa na Psicologia relacionados a situações de vulnerabilidade em que os(as) adolescentes podem estar inseridos(as). Observa-se uma preocupação com adolescentes em situações de vulnerabilidade ou risco. Desse modo, pode sugerir uma visão sobre a adolescência, como fase marcada por muitos conflitos e mudanças que precisam de intervenções que auxiliem no enfrentamento e repercussões dessa fase no sujeito e na sociedade.

Ainda, pode-se perceber que abordagens diversas subsidiam os estudos e as investigações desenvolvidas pelos grupos. A presença da diversidade teórica e metodológica ratifica a pluralidade das pesquisas brasileiras e evidencia sua preocupação com a complexidade do fenômeno a ser investigado. Contudo, em nossos achados, quatro grupos apontam utilizar a Psicanálise, o que evidencia a influência marcante desse arcabouço teórico, que, por sua vez, em seu interior apresenta também grande diversidade nas suas proposições, a depender dos teóricos de filiação, no campo da Psicologia brasileira. Pluralidade essa que se apresenta ainda, conforme as repercussões expressas

nos espelhos dos grupos de pesquisas e artigos analisados, nos temas de interesse a serem investigados.

Na realização deste trabalho, pode-se apontar como desafio a disponibilidade das bases de dados para a consulta e exploração dos dados. Nesse sentido, por se tratarem de bases de dados online é necessário enfatizar as etapas de exploração e refinamento da metassíntese com o armazenamento e sistematização dos dados para assegurar que no prosseguimento da pesquisa estejam disponíveis ao(à) pesquisador(a). Desse modo, evitar que eventuais situações em que tais sistemas podem ficar indisponíveis para o acesso online possam inviabilizar o andamento da pesquisa.

Para estudos futuros, as buscas realizadas em grupos de pesquisa de Psicologia podem abranger a presença dos descritores sobre adolescência e juventude nas linhas de pesquisa com intuito de mapear outros grupos que não apresentam os descritores em seus títulos, mas também realizam pesquisas relacionadas à adolescência e à juventude. Ainda, aponta-se a relevância de mais estudos sobre o tema da juventude em seus diversos referenciais teóricos e merece que seja foco de pesquisas futuras.

Como limitações deste artigo, tem-se em vista que a busca limitou-se às produções desenvolvidas pelos(as) líderes dos grupos e a partir da amostra foram selecionadas as duas maiores categorias temáticas. Desse modo, pode-se expandir a análise em trabalhos futuros para as produções de vice-líderes dos grupos, bem como explorar as demais categorias temáticas, com o intuito de ampliar a investigação sobre as produções relacionadas à adolescência e juventude em pesquisas brasileiras.

Declaração de conflito de interesses

As autoras declaram não haver qualquer tipo de conflito de interesses relativo a este trabalho.

Referências

Alberto, M. F. P. (2020). *Núcleo de Pesquisa e Estudos sobre o Desenvolvimento da Infância e Adolescência (NUPEDIA)*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/1340590387290016

- Alves, C. F., & Dell'Aglio, D. D. (2015). Apoio social e comportamentos de risco na adolescência. *Psico (PUCRS. Online)*, 46(2), 165-175. doi: <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.2.18250>
- Assis, M. F. P. (2018). Figurações da adolescência e juventude na atualidade: metáforas da cultura. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 40(38), 183-206. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952018000100011&lng=pt&tlng=pt
- Ariès, P. (1960). *L'enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris: Plon.
- Baía, P. A. D., Veloso, M. M. X., Habigzang, L. F., Dell'Aglio, D. D., & Magalhães, C. M. C. (2015). Padrões de revelação e descoberta do abuso sexual de crianças e adolescentes. *Revista de Psicologia (Santiago)*, 24(1), 1-19. doi: 10.5354 / 0719-0581.2015.37007
- Batista, A. P. (2020). *Estudos sobre Infância e Adolescência*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8340962973372175
- Bianco, A. C., & Nicacio, E. (2015). O adolescente e o encontro com os impasses do sexual. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 37(33), 71-84. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952015000200004
- Birman, J. (2008). Adolescência sem fim? Peripécias do sujeito num mundo pós-édipiano. In Cardoso, M. R. & Marty, F. (Orgs.), *Destinos da adolescência* (pp. 81-105). Rio de Janeiro: 7Letras.
- Blos, P. (1985). *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. Editora Martins Fontes. (Original publicado em 1962)
- Brasil (1990). *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Estatuto da Criança e do Adolescente. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm
- Brasil (2013). *Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013*. Estatuto da Juventude. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/l12852.htm
- Campos, T. E., & Martins, R. A. (2017). Relação entre conduta, conhecimento sexual e uso de preservativo entre alunos e professores de Ensino Médio. *Adolescência & Saúde*, 14(1), 37-44. Recuperado de http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=634/
- Carneiro, C., Ribeiro, L. M. A., & Ippolito, R. (2015). Adolescência, modernidade e a cultura dos direitos. *Interthesis*, 12(1), 176-191. doi: <https://doi.org/10.5007/1807-1384.2015v12n1p176>

- Conti, L. (2020). *NEPEIA - Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão em Infância e Adolescência*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9221386043240882
- Cordellini, J. V. F., Rodrigues, C. O., Weber, L. N. D., Tahan, T. T., Bermudez, B. E. B. V., Ribeiro, C. E. L., & Rossoni, A. M. O. (2015). Comparative study on sexual and reproductive health of adolescents with and without aids: is there a difference in knowledge between the two groups?. *DST. Jornal Brasileiro de Doenças Sexualmente Transmissíveis*, 27(3-4), 98-105. doi: : 10.5533/DST-2177-8264-2015273406
- Dallo, L., & Martins, R. A. (2018). Associação entre as condutas de risco do uso de álcool e sexo desprotegido em adolescentes numa cidade do Sul do Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(1), 303-314. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232018231.14282015>
- Dell'Aglio, D. D. (2020). *Sistema de proteção a crianças e adolescentes: Pesquisas e aplicações*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0743247198973336
- Dell'Aglio, D. D., & Braga, L. L. (2015). Suicidal behavior in adolescents from different contexts in south of Brazil. *The Journal of Latino-Latin American Studies*, 7(1), 67-81. doi: 10.18085/1549-9502-7.1.67
- Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP). *O que é*. (2020a). Recuperado de <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/o-que-e/>.
- Diretório de Grupos de Pesquisa no Brasil (DGP). *Principais dimensões*. (2020b). Recuperado de <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/principais-dimensoes>
- Enumo, S. R. F. (2020). *Psicologia da Saúde e Desenvolvimento da Criança e do Adolescente*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7476298793454249
- Freire, A. B. (2020). *Circulando entre invenções: um novo dispositivo clínico com jovens autistas*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7418467811512896
- Freitas, P. M. (2020). *Núcleo de investigações neuropsicológicas da infância e adolescência (NEURÔNIA)*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2222650378999822
- Gurski, R., & Pereira, M. R. (2016). A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, 27(3), 429-440. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420150005>
- Hohendorff, J. V. (2020). *VIA-Redes (Violência, Infância, Adolescência e atuação das Redes de proteção e atendimento)*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6531722292726839
- Hohendorff, J. V., & Patias, N. D. (2017). Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*

- (Unisc. Online), 49(1), 239-257. doi: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.9474>
- Hohendorff, J. V., Koller, S. H. & Habigzang, L. F. (2015). Psicoterapia para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual no sistema público: panorama e alternativas de atendimento. *Psicologia: Ciência e Profissão (Impresso)*, 35(1), 182-198. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703000202014>
- Hohendorff, J. V., Santos, S. S., & Dell'Aglio, D. D. (2015). Estudo de caso sobre a revelação da violência sexual contra meninos. *Contextos Clínicos*, 8(1), 46-54. doi: <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2015.81.05>
- Horta, N. C., & Sena, R. R. (2010). Abordagem ao adolescente e ao jovem nas políticas públicas de saúde no Brasil: um estudo de revisão. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 20(2), 475-495. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312010000200008>
- Maestri, M. (2020). *As Implicações da pós-modernidade na constituição da subjetividade do adolescente*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/345251
- Maia, R. C., Nunes, T. G. R., Silva, L. I. C., & Silva, K. M. (2017). Da proteção ao risco: configurações da violência intrafamiliar na juventude paraense. *Psicologia: teoria e pesquisa (UnB. Impresso)*, 33, 1-8. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e33312>
- Martins, R. A. (2020). *Desenvolvimento sociomoral de crianças e adolescentes*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6923242929517939
- Mead, M. (1984). *Adolescencia, sexo y cultura en Samoa*. Buenos Aires: Paidós.
- Melsert, A. L. M., & Bock, A. M. B. (2015). Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. *Educação e Pesquisa*, 41(3), 773-789. doi: <https://doi.org/10.1590/S1517-9702201507135302>
- Miura, P. O., Tardivo, L. S. L. P. C., & Barrientos, D. S. (2015). Adolescentes embarazadas vítimas de violencia intrafamiliar en Brasil: consecuencias psicológicas y sociales. *methaodos. Journal of Social Sciences*, 3(2). doi: <https://doi.org/10.17502/m.rcs.v3i2.91>
- Moura, R. T. C. (2020). *Núcleo de estudos interdisciplinares sobre políticas sociais e direitos de crianças e adolescentes*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2154456256363293
- Nardi, F. L., Hauck Filho, N., & Dell'Aglio, D. D. (2016). Preditores do comportamento antissocial em adolescentes. *Psicologia: Teoria e Pesquisa (Brasília. Online)*, 32(1), 63-70. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722016011651063070>
- Oliveira, A. A. S., Trancoso, A. E. R., Bastos, J. A., Canuto, L. T. (2015). Metassíntese: apontamentos para sistematização de revisões amplas e crítica interna à produção

- científica. In: Atas Investigação Qualitativa na Saúde, IV Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa. Aracaju, Sergipe: Universidade Tiradentes.
- Paixão, R. F., Patias, N. D., & Dell'Aglio, D. D. (2018). Relações entre violência, clima familiar e saúde mental na adolescência. *Geraiis: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 11(1), 109-122. doi: <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019110109>
- Patias, N. D., & Dell'Aglio, D. D. (2017). Prevalencia de exposición a violencia directa e indirecta: un estudio con adolescentes de colegios públicos. *Acta Colombiana de Psicología*, 20(1), 90-122. doi: 10.14718/ACP.2017.20.1.6
- Peixoto, A. C. Z. (2020). *Laboratório de estudos sobre violência contra crianças e adolescentes*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9646269557319310
- Pinto Júnior, A. A. (2020). *Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Infância e Adolescência (LEPIA)*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4530721101162261
- Pinto Junior, A. A., & Silva, S. M. (2018). O adolescente em conflito com a lei e a tendência antissocial: compreensão e intervenção à luz da psicanálise winnicottiana. *Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade*, 17, 82-89. doi: <https://doi.org/10.17921/2176-5626.n17p82-89>
- Pinto Junior, A. A., Tardivo, L. S. L. P. C., & Cassepp-Borges, V. (2017). La escala de exposición del niño y adolescente a la violencia doméstica en brasil: adaptación y validez - the children's exposure to domestic violence scale in brazil: adaptation and validity. *Subjetividad y procesos cognitivos*, 21(1), 105-121. Recuperado de <http://dspace.uces.edu.ar:8180/xmlui/handle/123456789/3781>
- Pinto Junior, A. A., Pinto, E. P. S., Souza, K. T., Moreira, G. T., Barbosa Junior, E. D., Silva, E. A., Balbino, N. R., & Mello, G. F. (2015). Violência doméstica contra crianças e adolescentes: prevenção nos centros de referência de assistência social. *Revista Ciência em Extensão*, 11(2), 91-103. Recuperado de <http://dspace.uces.edu.ar:8180/xmlui/handle/123456789/3781>
- Pinto Junior, A. A., Cassepp-Borges, V., & Santos, J. G. (2015). Caracterização da violência doméstica contra crianças e adolescentes e as estratégias interventivas em um município do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos Saúde Coletiva*, 23(2), 124-131. doi: <https://doi.org/10.1590/1414-462X201500020062>
- Plataforma Lattes. (2020a). *Sobre a plataforma Lattes*. Recuperado de <http://memoria.cnpq.br/web/portal-lattes/sobre-a-plataforma>
- Plataforma Lattes. (2020b). *Histórico*. Recuperado de <http://memoria.cnpq.br/web/portal-lattes/historico>

- Romera, L. A., Martins, R. A., & Reis, H. H. B. (2017). Torcedores jovens e padrão de consumo de bebidas alcoólicas: uma modalidade de lazer. *LICERE – Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 20(1), 181-200. doi: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2017.1592>
- Sacco, A. M. (2020). *Laboratório de Relações Raciais, Direitos Humanos e Direitos da Criança e do Adolescente (Lab R2D2)*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7744423030626525
- Sacco, A. M.; Ferreira, C. M. S., & Koller, S. H. (2016). “Se não bater, não aprende”: educação e direitos da criança e do adolescente em Angola. *Educação (PUCRS. Impresso)*, 39(1), 11-21. doi: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2016.1.18127>
- Salgado, R. G. (2020). *Infância, juventude e cultura contemporânea - Geijc*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9772358957015855
- Silva, A. C. S. (2020). *Grupo de estudos e pesquisas sobre infância e adolescência*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2205623880558743
- Silva, A. C. S., & Alberto, M. F. P. (2016). Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes: A vivência subjetiva do corpo. *Psicologia em Revista*, 22(1), 69-89. doi: <https://doi.org/10.5752/P.1678-9523.2016V22N1P69>
- Silva, D. G., & Dell'Aglio, D. D. (2016). Exposure to domestic and community violence and subjective well-being in adolescents. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 26(56), 299-305. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-43272665201603>
- Silva, L. I. C. (2020). *Grupo de estudos e pesquisa em adolescência, juventude e fatores de vulnerabilidades e proteção*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6360568206173900
- Sousa, M. C., & Moreira, M. I. C. (2012). Adolescência em camadas populares: particularidade e singularidade na trama escolar. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 7(1), 68-75. Recuperado de https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapi/Volume7_n1/Souza_%26_Moreira.pdf
- Stengel, M. (2020). *Família, juventude e cultura digital*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/7346103490375080
- Tardivo, L. S. L. P. C., Ferreira, L. S., Alhanat, M., Chaves, G., Rosa, H. R., Pinto Junior, A. A., & Belizario, G. O. (2019). Self-injurious behavior in preadolescents and adolescents: Selfimage and depression. *Paripex - Indian Journal of Research*, 8(6), 1-5. Recuperado de <https://www.worldwidejournals.com/paripex/article/self-injurious-behavior-in-preadolescents-and-adolescents-self-image-and-depression/MTE3MjA=?is=1>
- Tardivo, L. S. L. P. C. (2017). O desenho da figura humana em crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica (impresso). *Boletim. Academia Paulista de*

- Psicologia*, 37(92), 63-78. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2017000100006
- Tardivo, L. S. P. C. (2020). *Automutilação em pré-adolescentes e adolescentes-estudo e intervenção*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/0474626297679753
- Teixeira, P. S., Campos, T. E., & Martins, R. A. (2017). Consumo de álcool e outras drogas em adolescentes infratores de uma unidade de semiliberdade do interior do estado de São Paulo. *Colloquium Humanarum*, 14(4), 15-20. Recuperado de <http://revistas.unoeste.br/index.php/ch/article/view/2212>
- Trancoso, A. E. R., & Oliveira, A. A. S. (2016). Aspectos do conceito de juventude nas Ciências Humanas e Sociais: análises de teses, dissertações e artigos produzidos de 2007 a 2011. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 11(2), 278-294. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000200002&lng=pt&tlng=pt
- Trancoso, A. E. R., & Oliveira, A. A. S. (2014). Produção social, histórica e cultural do conceito de juventudes heterogêneas potencializa ações políticas. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 137-147. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822014000100015>
- Trancoso, A. E. R. (2012). *Juventudes: o conceito na produção científica brasileira*. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Universidade Federal de Alagoas, Maceió.
- Weber, L. N. D. (2017). Relações entre práticas educativas parentais percebidas e a autoestima, sinais de depressão e uso de substâncias por adolescentes. *International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD Revista de Psicologia*, 2(1), 157-168. doi: <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.928>
- Weber, L. N. D. (2020). *Infância, adolescência, família e sociedade*. Recuperado de dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8147487075034813
- Wendt, G. W., Polleto, M., Costa, A. B., Cassepp-Borges, V., Dell'Aglio, D. D., & Koller, S. H. (2019). Stressful events, life satisfaction, and positive and negative affect in youth at risk. *Children and Youth Services Review*, 102, 35-41. doi: <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2019.04.028>
- World Health Organization (WHO). *Maternal, newborn, child and adolescent health: Adolescent development*. 2016. Recuperado de http://www.who.int/maternal_child_adolescent/topics/adolescence/dev/en/
- Yamauchi, L. M., Andrade, A. L. M., Pinheiro, B. O., Enumo, S. R. F., & Micheli, D. (2019). Social representation regarding the use of alcoholic beverages by adolescents. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36, e180098. doi: <https://doi.org/10.1590/1982-0275201936e180098>

- Zappe, J. G., & Dell'Aglio, D. D. (2016a). Adolescência em diferentes contextos de desenvolvimento: risco e proteção em uma perspectiva longitudinal. *Psico (PUCRS. Online)*, 47(2), 99-110. doi: <http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2016.2.21494>
- Zappe, J. G., & Dell'Aglio, D. D. (2016b). Variáveis pessoais e contextuais associadas a comportamentos de risco em adolescentes. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 65(1), 44-52. doi: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000102>
- Zappe, J. G., & Dell'Aglio, D. D. (2016c). Risco e proteção no desenvolvimento de adolescentes que vivem em diferentes contextos: família e institucionalização. *Revista Colombiana de Psicología*, 25(2), 289-305. doi: <https://doi.org/10.15446/rcp.v25n2.51256>